

DA FALHA COMO ACERTO — NA VIDA E NUMA EMPRESA FARMACÊUTICA

LUÍS PORTELA*

Resumo: O autor reflete sobre o erro, a falha e o acerto a partir da sua experiência profissional como gestor de Bial e defende a importância do erro como impulsionador da investigação científica. Refere-se também à questão das experiências de quase morte, ao estudo de supostas vidas passadas e à transcomunicação instrumental, sublinhando a necessidade de se continuar a investigar o tema sob o rigor do método científico.

Palavras-chave: Indústria farmacêutica; Tipologias do erro; O erro de Descartes.

Abstract: The author reflects on the error, the fault and the correctness from his professional experience as manager of Bial and maintains the importance of error as impeller of scientific investigation. He also refers to the question of near-death experiences, the study of alleged past lives and instrumental transcommunication, stressing the need to continue investigating the subject with the rigor of the scientific method.

Keywords: Pharmaceutical industry; Typologies of error; Descartes' error.

Foi-me pedido que falasse sobre a minha opinião e a minha experiência do erro na investigação, na gestão e na vida em geral, o que farei com gosto.

Errar, segundo os dicionários, é enganar-se, não acertar, ser incorreto. Enganar-se, quando se sabe como proceder e se está convencido de que assim se estava a fazer, mas, por lapso, aconteceu de maneira diferente. Não acertar, quando não se sabe como proceder e, conscientemente, se tenta uma hipótese que falha. Ser incorreto, quando se sabe como proceder e, conscientemente, se opta por uma solução inadequada, o que, nalguns meios religiosos, também se chama pecar.

O povo diz que «errar é humano», o que se pode considerar perigoso, por poder induzir a ideia de normalidade na convivência com o erro. Haverá algum consenso de que persistir no erro é negativamente humano; e corrigir o erro é positivamente humano.

O planeta Terra pode ser considerado um mundo-escola onde nós vimos para aprender, apresentando-se-nos diariamente situações que nos permitem absorver novos conhecimentos, corrigir deficiências, evoluir. Para isso, precisamos de estar atentos e disponíveis.

Mas, mesmo assim, é natural que não possamos aprender tudo de repente, cometendo erros diversos. Quando erramos por lapso, devemos aprender a ter mais cuidado, a estarmos mais atentos, mais focados. Quando erramos por não acertar, devemos perceber que essa solução não nos interessa, procurando outra mais adequada. Quando erramos por sermos incorretos, precisamos de tirar ilações do nosso erro, consciencializando-nos ponderadamente da situação e procurando criar condições para corrigir o erro, não o voltando a repetir.

Nenhum de nós é perfeito. Uns têm tendência a cometer certos erros. Outros já não cometem esses erros, mas falham noutros aspetos, já ultrapassados pelos primeiros. Na

* Licenciado em Medicina pela Universidade do Porto, onde exerceu a docência; diretor da Bial e fundador da Fundação Bial; comendador da Ordem do Mérito e Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto, a cujo Conselho Geral presidiu; autor de vasta obra científica e literária.

convivência com todos vamos tendo imensas oportunidades para corrigirmos os nossos erros, para nos aperfeiçoarmos.

Porém, quando persistimos no erro, surge o sofrimento, como que um sinal de alerta que a natureza coloca à nossa disposição. Oportunidade para procurarmos detetar as suas causas, as corrigirmos e não repetirmos. Aparentemente, a correção definitiva de um erro elimina, mais cedo ou mais tarde, a situação de sofrimento que provocou.

Será oportuno referir que a evolução não se fará pelo sofrimento, mas pela atuação favorável ao próprio, aos outros, ao Todo Universal. A correção dos erros será necessária, mas poderá acontecer pelo lúcido esforço do próprio, sem necessidade de sofrimento. A alegria da realização construtiva traduzirá a maior eficácia de evolução pela realização, relativamente à evolução pelo sofrimento.

A realização de atos dignos e benéficos gera satisfação por proporcionar a sensação de progressão. Quando temos consciência de que corrigimos um erro, sentimo-nos realizados e mais completos. Por vezes levamos meses ou anos a consegui-lo, pelo que, no momento em que percebemos que a situação está bem resolvida, sentimo-nos felizes, podendo vibrar até às lágrimas. A riqueza que nessas alturas nos preenche assume características de definitiva.

A correção dos erros pode ser provocada por sermos a isso obrigados por terceiros. Mas parece funcionar melhor quando é o próprio, em consciência, a sentir essa obrigação. Contudo, o ideal será mesmo não se sentir o peso de qualquer obrigação, mas apenas o desejo interior de ser melhor, de ser mais completo, de atingir superiores níveis de realização, de utilidade para si e para os outros. Talvez inicialmente de utilidade para si e, depois, à medida que evoluímos, sobretudo de utilidade para os outros e, mesmo, para o Todo.

E o que estou a afirmar parece-me válido em termos individuais, mas também em termos coletivos. As famílias, as organizações sociais ou políticas, as empresas, os países cometem erros coletivos, que precisam de ser corrigidos. Quando não o são, surge algum sofrimento coletivo, até que os erros sejam corrigidos, com uma opção de reassunção do sentido positivo da vida.

Corrigir um erro é aperfeiçoar ou aperfeiçoar-se, mas também descobrir o que é mais evoluído, o que é melhor, o que é superior e ao qual ainda não tínhamos chegado. E, para lá chegarmos, será crucial o saudável esforço de aperfeiçoamento.

Crucial, mas talvez insuficiente, por nos deixar demasiado concentrados no erro e em nós próprios. Parece necessária também uma grande sintonia com a natureza, deixando confiantemente fluir em nós a verdade e a vida. O que parece acontecer quando nos disponibilizamos para o tal esforço honesto de correção do erro, procurando destapar aquilo que até então não conseguíamos ver, embora lá pudesse estar desde sempre!...

Na vida, nomeadamente enquanto gestor, tenho percebido a importância de procurar criar condições para não errar, mas, simultaneamente, me manter muito atento às situações de erro, para as identificar tão precocemente quanto possível, percebendo rapidamente o que é necessário corrigir e atuando de imediato nesse sentido. Deixem-me dar-lhes um exemplo.

Na década de noventa, já eu era presidente de Bial, iniciámos um projeto de internacionalização da empresa. Começámos por alguns países africanos e, de seguida, por alguns

países da América Central. Fomos percebendo que as condições de mercado eram muito diferentes de uma região do globo para outra.

Comercializar medicamentos na Europa é completamente diferente de o fazer na América Central, onde podemos assistir a saldos de medicamentos em farmácias. E comercializar medicamentos na América Central é muito diferente de o fazer em África, onde os medicamentos podem ser vendidos em mercearias ou em mercados locais.

Conscientes disso e já com alguma experiência internacional, em 1998 adquirimos uma empresa espanhola, então de pequena dimensão. Pensámos que em Espanha, aqui ao lado, as coisas se passariam de forma relativamente parecida com o que se passavam em Portugal e chegámos a ter um português como Diretor-Geral da filial e outro português como Diretor de Marketing.

Mas fomos percebendo que os hábitos de prescrição dos médicos espanhóis eram substancialmente diferentes dos portugueses, que as técnicas comerciais eram francamente mais agressivas do que as utilizadas em Portugal e que a relação com as autoridades espanholas também era claramente diferente da existente no nosso país, dado que os espanhóis defendem fortemente os produtos e as empresas espanholas.

Tão rapidamente quanto possível, tivemos de corrigir, nomeando um Diretor de Marketing espanhol e, depois, um Diretor-Geral também espanhol e procurando adaptar a organização, os seus métodos de trabalho e a sua gama de produtos à realidade local. Depois de alguns anos sem grande sucesso, a filial foi crescendo e hoje é uma realidade bonita, com cerca de 170 profissionais e uma quota de mercado cerca de catorze vezes superior à inicial.

Obviamente que essa experiência foi muito importante para, quando criámos as nossas filiais noutros países europeus, seguirmos métodos semelhantes, sempre adaptados à realidade local. Privilegiamos entregar as principais responsabilidades pelas filiais a profissionais com experiência desses países, embora procuremos manter nas estruturas locais alguns portugueses, que façam carreira internacional e que possam contribuir para um sentido de unidade organizacional de Bial.

Considero importante que numa empresa se crie um ambiente de rigor, de qualidade e de exigência elevados, procurando conquistar os colaboradores para se manterem dedicada e competentemente ao seu serviço. Cada um deve procurar fazer bem, o melhor possível, e à primeira. Mas todos sabemos que isso nem sempre é possível e é necessário admitir o erro e saber com ele conviver, procurando fazer de cada experiência malsucedida, o ponto de partida ou, talvez mais apropriadamente, de viragem para a conquista do sucesso.

Claro que os erros cometidos por opção malvada do profissional são os mais difíceis de resolver. Sejam eles cometidos por desleixo, ou por contrariarem normas internas ou externas, ou por má opção do livre-arbítrio. Por isso, costumo dizer que, sendo as pessoas a maior riqueza das instituições, devemos procurar selecionar os melhores, quer em termos técnicos, quer em termos pessoais.

Com maus profissionais os problemas tardam a resolver-se e tendemos a levar diariamente para casa uma dor de cabeça. Com bons profissionais — e aqui quero também dizer seres humanos de grande carácter — consegue-se corrigir os erros mais complexos e consegue-se fazer, em espírito de equipa, coisas muito bonitas, com grande satisfação de todos.

Por tudo isso, parece-me importante dizer-lhes que, em minha opinião, um dos erros que um gestor mais deve evitar é o erro de avaliação das pessoas, quer no momento da seleção, quer na altura da integração, quer mais tarde. Porque somos seres humanos a avaliar seres humanos, existe uma tendência para darmos o benefício da dúvida, para desculparmos, para esperarmos por melhores dias.

Mas, pela minha experiência, é capaz de ser preferível procurarmos formas corretas, inteligentes e solidárias para apontarmos os erros que identificamos e as soluções que nos parecem apropriadas, procurando conquistar o colaborador para corrigir o que é necessário corrigir. Incentivá-lo, mas colocar metas e ir controlando ativamente as situações até elas se resolverem. E, quando assim não acontece, ponderar se temos o direito de submeter a organização à presença de alguém que não quer colaborar como necessário.

São momentos difíceis aqueles em que, assumindo o nosso erro inicial de avaliação e não pretendendo manter o erro, procuramos fazer ver a alguém que provavelmente será melhor para si e para a empresa que — no quadro da legislação em vigor — procure outra solução profissional. Idealmente, não devia ser assim, mas, na prática, por vezes, tem de ser. E, se não o fazemos, podemos estar a contribuir para que as pessoas que dão o seu melhor contributo à empresa, se sintam mal com a presença de alguém que não quer ou não sabe colaborar ativamente. E esse alguém também terminará por se sentir mal numa organização com características que têm pouco a ver consigo. Pelo contrário, talvez possa ser bem mais feliz numa organização com um grau de exigência diferente, numa atividade de acordo com o seu perfil.

Para além disso, de uma forma realista, é necessário preparar as organizações para lidarem com as suas falhas, com os seus erros, o que é absolutamente essencial numa empresa que se pretende inovadora. As pessoas têm de estar preparadas para não esconderem, nem procurarem esquecer os seus erros, o que se virará contra a organização. Pelo contrário, devem assumir os seus erros, num ambiente que os aceite e compreenda, mas que os trate, procurando erradicá-los de uma forma adequada, para benefício de todos.

A assunção de responsabilidades é sempre preferível à busca de culpados e ao seu castigo, bem como à tentativa de responsabilizar entidades externas, por vezes relativamente indefinidas, como as diferenças cambiais, as condições climáticas ou a governação local, regional ou nacional. É saudável raciocinar sobre os erros, analisá-los, identificar as suas verdadeiras causas, o porquê das situações, como fazer para não os repetir e como encontrar soluções úteis, práticas e, por vezes, inovadoras.

Numa organização bem-sucedida as falhas são consideradas oportunidades de aprender. Existe um ambiente exigente, mas tolerante; rigoroso, mas paciente e incentivador das mentes abertas e da criatividade. Existe espírito de equipa e hábitos de análise construtiva dos problemas, reunindo conhecimentos técnicos, dados internos e externos, diferentes perspetivas, de forma a se encontrarem as soluções mais apropriadas, mais úteis para a organização e, sobretudo, para os seus clientes.

E uma organização que se pretende inovadora tem de dar às pessoas liberdade para inovar, o que implica liberdade para experimentar e liberdade para falhar. Sendo as falhas honradas, ou seja, honestas, bem-intencionadas, devem ser respeitadas e tratadas como tal.

Mas numa organização inovadora, como na vida em geral, também se pode aprender nas situações bem-sucedidas. Procurando analisar e compreender as boas práticas, que devem ser replicadas; e divulgando-as, para poderem ser efetivamente seguidas. Mas, também, procurando identificar o que pode ainda ser melhorado em futuras situações semelhantes.

Assim se poderá dizer que, na vida, podemos aprender com tudo e com todos. Com quem sabe mais do que nós, aprendendo a seguir os seus bons exemplos e a raciocinar sobre eles, procurando introduzir-lhes melhorias. Com quem sabe menos do que nós, procurando identificar os seus erros e criando condições para não os repetirmos.

Em Bial, no início dos anos oitenta, quanto optámos como grandes linhas de desenvolvimento estratégico pela internacionalização e pela inovação, estávamos conscientes de que uma estava muito dependente da outra. Sabíamos que uma internacionalização com grande impacto só seria possível com produtos inovadores; e que os enormes investimentos necessários em inovação só seriam possíveis se, entretanto, conseguíssemos um grande volume de faturação, o que só poderia acontecer com uma forte internacionalização da empresa.

Assim, em paralelo à internacionalização que íamos fazendo em países menos exigentes, criámos no início dos anos noventa um departamento de investigação e desenvolvimento, que atualmente tem cerca de 100 pessoas, de oito países europeus. Esta equipa proporcionou-nos a criação de mais de 12.000 novas moléculas, tornando-nos nos últimos anos a empresa que — em todas as áreas — mais patenteia a partir de Portugal. Deste modo, criámos condições para podermos internacionalizar a empresa nos mercados mais exigentes.

De todas essas moléculas, duas — um medicamento para a epilepsia e um para a Doença de Parkinson —, foram lançados no mercado mundial nos últimos anos, sendo os primeiros medicamentos inovadores de origem portuguesa. E algumas outras moléculas continuam a ser desenvolvidas, esperando-se o seu lançamento como novos medicamentos nos próximos anos.

Na indústria farmacêutica em geral, e também em Bial, vivemos intensamente a importância do erro na construção do conhecimento científico, referida por Karl Popper (1902-1994). Vamos sintetizando milhares de novas moléculas que são testadas, até se encontrar a melhor por tentativas e erros. Mas também procuramos aprender com os erros prévios, para não haver necessidade de os repetir e para acelerar o processo e economizar recursos, graças, sobretudo, aos grandes progressos informáticos.

O ciclo de inovação do medicamento é o mais longo que se conhece: 10 a 15 anos desde a síntese de uma nova entidade química até que ela chega ao mercado como um novo medicamento. E para que uma chegue ao mercado, é necessário sintetizar em média 7.000 novas moléculas, que vão sendo testadas e rejeitadas, em testes em tecidos animais e humanos, em animais de experiência, em ensaios clínicos em voluntários saudáveis e em doentes. Até que a melhor é escolhida, por ser a mais eficaz na ação terapêutica que se pretende e por não ter efeitos laterais importantes.

Entretanto, a empresa vai construindo um enorme dossier, onde se relatam todas as características do medicamento e toda a investigação realizada ao longo dos anos, a fim

de submeter às autoridades sanitárias, nomeadamente à Agência Europeia do Medicamento — a recentemente tão falada, e desejada, EMA —, que o aprova para toda a União Europeia, e à *Food and Drug Administration* — FDA —, que o aprova para os Estados Unidos. O dossier do nosso antiepiléptico Zebinix era constituído por cerca de 300.000 páginas, o que diz da quantidade de informação que é submetida a análise, para evitar erros, em processos de avaliação que podem durar 1 a 3 anos até à decisão final.

As autoridades sanitárias procuram assegurar que, para além da eficácia terapêutica e da inexistência de efeitos laterais indesejáveis, não existam erros que coloquem em risco a saúde dos cidadãos, que vão utilizar o novo medicamento em aprovação. E, quando têm dúvidas, colocam questões e exigem mais dados que consideram necessários para a referida aprovação. Se não são satisfeitas essas condições, não aprovam.

Mesmo depois de introduzido no mercado, qualquer medicamento continua a ser avaliado por um sistema de farmacovigilância, que obriga a que tudo o que acontece de menos bom seja reportado às autoridades de saúde nacionais e europeias. A avaliação da segurança de um medicamento mantém-se ao longo de toda a sua vida útil, destacando-se no período inicial de comercialização a elaboração de ensaios clínicos de fase IV, relativos à sua utilização disseminada.

Este nível de exigência, a acrescer à complexidade tecnológica, às enormes necessidades de financiamento e ao risco do investimento, fazem com que, na última década, apenas 27 empresas da União Europeia tenham proporcionado à humanidade novas soluções terapêuticas. Para nós, em Bial, é uma honra sermos uma dessas 27 instituições.

O medicamento é um bom exemplo de que uma boa novidade normalmente resulta de muita persistência e de muitas tentativas falhadas. Só por exceção uma boa novidade nasce de uma única ideia brilhante e definitiva. Mas, muito raramente, um produto inovador é fruto do acaso, embora, por trás do acaso, possa estar muito trabalho, que permite o agarrar da oportunidade que surge.

Por tudo isso, a indústria farmacêutica procurou nos últimos anos encontrar soluções informáticas que diminuam o número de ensaios de tentativas e erros, acelerem o processo e economizem recursos, pela aplicação prática do desenho racional de fármacos — *drug rational design*. Utilizando técnicas de computação e dados bioinformáticos de milhares de compostos reais e de milhares de moléculas virtuais, consegue-se o peneiramento virtual, de forma a obter informação sobre o melhor encaixe dos novos compostos com os alvos biológicos em estudo. Assim se criam modelos que permitem a síntese química em laboratório de novos compostos mais próximos dos objetivos pretendidos, que depois são avaliados *in vitro* e *in vivo*, até se selecionar o composto mais interessante.

Claro que, pelo meio, se podem cometer erros diversos. Deixem-me exemplificar: utilização de materiais impróprios, procedimentos inadequados, erros por incompetência técnica do investigador, lapsos de observação, incapacidade de detetar diferenças subtis, controlo insuficiente de variáveis, erros de amostragem, falhas de raciocínio, modelos estatísticos inadequados, falhas de comunicação, erros por distração. Sem podermos esquecer a possibilidade de fraude, muito pouco provável numa equipa altamente controlada por sofisticados sistemas de avaliação de qualidade, mas que sempre deve ser tomada em consideração.

Os investigadores da indústria farmacêutica — químicos, engenheiros químicos, bioquímicos, biólogos, farmacêuticos, farmacologistas, médicos — são treinados para evitarem os erros grosseiros, aprendendo com os erros por tentativa, de forma a servirem apropriadamente os interesses de saúde das pessoas. Mas, por vezes, surgem erros inesperados.

Em Bial, quando do processo de investigação do medicamento inovador para o tratamento da Doença de Parkinson, que temos vindo a lançar este ano em diversos países europeus e que esperamos poder proporcionar aos doentes portugueses nos próximos meses, aconteceu um erro, que demorou algum tempo a detetar as causas e que obrigou à realização de mais trabalho de investigação, sem benefício para o produto final.

Procurando oferecer as melhores soluções, alguns dos nossos investigadores químicos conseguiram reduzir o tamanho das partículas do produto, mas esqueceram-se de o comunicar aos seus colegas da farmacologia e da clínica. Estes verificaram um aumento das concentrações plasmáticas do produto, com alguma dificuldade em identificar a sua causa. Quando perceberam o erro de comunicação, foram fazer novos testes para perceber se havia alguma alteração na eficácia do produto, o que afinal não acontecia.

Tirando do erro algumas ilações, os mesmos investigadores tentaram reduzir o tamanho das partículas dum outro medicamento inovador que temos em estudo, informando apropriadamente os colegas. Resultou também o aumento das concentrações plasmáticas, mas, neste caso, felizmente, com aumento da sua eficácia. Apesar de ter resultado do erro, no primeiro caso, perda de tempo e dinheiro, foi possível, no segundo caso, tirar benefício da situação.

O erro deixou de ser perspetivado como inimigo do conhecimento, para passar a ser um importante impulsionador da investigação científica, ao gerar a crítica que faz a ciência avançar. O erro revela a incapacidade de uma determinada hipótese explicar um resultado experimental, provocando a criação de novas hipóteses, que têm em consideração o anteriormente aprendido, e que são também elas submetidas a testes. E assim sucessivamente, com paciência, com persistência, fazendo uso de todos os recursos intelectuais, com um grande foco de atenção, com honestidade e boa intenção, com abertura à intuição apropriada, que — dizem alguns cientistas — por vezes surge.

Karl Popper tinha razão. O progresso científico demonstrou consistir, não em acumulação de observações, mas em superação de teorias menos satisfatórias e sua substituição por teorias melhores, ou seja, por teorias de maior conteúdo. O erro deixou de ser considerado um mal a ser evitado, passando a componente inevitável da investigação científica e a ser por muitos considerado o motor pelo qual a ciência se move.

Parece que a atitude mais adequada para um cientista será manter uma crítica construtiva incessante relativamente ao conhecimento existente e, em simultâneo, um entusiasmo criativo de teorias inovadoras. Mantendo uma abertura de espírito para que a verdade de hoje seja amanhã substituída e para que essa verdade de amanhã possa no futuro também ser substituída.

Albert Einstein (1879-1955) dizia «o grau de pensamento que te trouxe até onde estás hoje não te levará até onde sonhas estar». E, na verdade, mal de quem julga que já corri-

giu todos os erros, mal de quem pensa que já fez uma obra notável, mal de quem pensa que já atingiu o topo. Afinal a vida é um aprendizado permanente, que nunca se esgota. Sempre podemos ir mais além, se tivermos a humildade e o realismo para o perceber. Na investigação científica, na vida empresarial e na vida em geral.

É, contudo, curioso como algumas teorias da Antiguidade se mantiveram durante muitos séculos, até serem postas em questão, nomeadamente no século XVII por homens como Bacon (1561-1626), Galileu (1564-1642), Descartes (1596-1652) e Newton (1643-1727). Hoje, parece-nos incrível como algumas dessas teorias eram aceites. Contudo, para vencer algumas delas, foram necessários grandes sacrifícios pessoais, de tal maneira eram defendidas pela ordem em vigor na época.

Permitam-me lembrar o caso do filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600), que revolucionou a astronomia, afirmando que «o Universo é infinito, todo habitado por Deus e com infinitos astros, alguns deles habitados». Deu, assim, uma outra dimensão às novidades de então da astronomia copernicana, que considerava que o sol estava no centro do Universo, com os planetas a girar em torno dele, nomeadamente a Terra.

Numa época em que se acreditava que o mundo era fixo e limitado por uma cúpula celestial, onde se encontrava o sol, a lua e os restantes astros, governados por um complexo sistema de ciclos e epiciclos, as teorias de Bruno — que era sacerdote — foram mal recebidas, fortemente criticadas e rejeitadas. Apenas foram aceites na época por pequenos grupos de pensadores. Mas a maioria não concordava e contestava-o, terminando por ser preso pela Inquisição, que o manteve encarcerado oito anos em Roma, onde foi condenado à morte na fogueira, por não querer renegar as suas teorias.

Contudo, alguns pensadores continuaram a defender as suas perspetivas, nomeadamente Galileu Galilei, que foi presente seis vezes ao Tribunal do Santo Ofício, tendo sido obrigado a renegar as suas ideias para salvar a vida. Mas a verdade termina sempre por se impor e os ensinamentos de Copérnico (1473-1543), Bruno e Galileu vieram a conquistar reconhecimento público generalizado na segunda metade do século XVIII. Copérnico passou a ser considerado o fundador da astronomia moderna e Galileu o fundador da física moderna. E Giordano Bruno passou a ser respeitado como um visionário de grande convicção e coerência, que, aos 52 anos, ofereceu a própria vida para que a verdade pudesse triunfar.

René Descartes escreveu, em 1637, na quarta secção de *O Discurso do Método* a afirmação «penso, logo existo». Ele via o ato de pensar como uma atividade separada do corpo físico. Considerava este com volume e funcionamento biológico e mecânico, enquanto a mente era imaterial, sem volume e intangível. E esta perspetiva foi aceite ao longo de séculos, embora sem demonstração científica.

Alguns autores foram discordando de Descartes. No início do século XX, o cientista português Abel Salazar (1889-1946) afirmava: «O centro do universo, a única coisa axiomática e certa, não é o “eu penso” de Descartes, mas o “eu tenho consciência de que penso”». Abel Salazar parecia assumir uma perspetiva espiritualista, quando dizia: «Esse espectador misterioso assiste do seu trono oculto ao lampejar incessante do fluxo da mentalidade, à corrente ininterrupta das sensações, ideias e julgamentos: — porque eu não sou a minha

sensação, as minhas ideias e julgamentos, existe como uma diferença no espaço, que mas faz desenrolar a meus olhos, como aos olhos do espectador, imóvel nas margens, se desenrola e corre a massa tranquila das águas de um rio».

Já em finais do século XX, outro cientista português, António Damásio, escolhia para título de um seu livro, aliás de grande sucesso, *O Erro de Descartes*, expressando que, para si, primeiro existimos e só mais tarde pensamos; e só pensamos na medida em que existimos, visto o pensamento ser, em sua opinião, causado por estruturas e operações do ser. Para Damásio o raciocínio, o juízo moral e as emoções não podem existir sem corpo físico.

Que me perdoem Abel Salazar e António Damásio, duas personalidades que muito admiro e cujas opiniões muito respeito, mas penso que será da maior importância a demonstração científica do que afirmam. Em pleno século XXI, penso que se impõe esse procedimento, sob o rigor do método científico.

Depois de algumas evidências da investigação científica em áreas como as experiências de quase morte, o estudo de supostas vidas passadas e a transcomunicação instrumental, parece necessário continuar a investigar sob o rigor do método científico. Será necessário, também nesta área, formular soluções e hipóteses que sejam testadas, colocando as mãos de parte, até ser encontrada a melhor, através de tentativas e erros.

São milhares os casos de pessoas que foram declaradas clinicamente mortas — durante alguns minutos ou algumas horas —, que depois foram recuperadas para a vida física, e que afirmam ter-se visto fora do seu corpo físico, relatando com precisão factos acontecidos enquanto estavam desfalecidas. Esta é uma situação que merece ser estudada e aprofundada até ao seu total esclarecimento.

O departamento de medicina psiquiátrica da Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos, estudou cerca de 3.000 casos de crianças de todo o mundo que relataram supostas vidas passadas. 68% dessas vidas passadas foram confirmadas pelos investigadores ao deslocarem-se aos locais onde teriam vivido as pessoas referidas pelas crianças, confirmando factualmente a sua existência, o que — em minha opinião — torna imperioso o aprofundamento do estudo desta situação, sob o rigor do método científico, até ao seu total esclarecimento.

Estão hoje gravadas pelo método da transcomunicação instrumental milhares de vozes de origem não física, aparentemente de seres já falecidos, o que é feito utilizando gravadores de som e aparelhos de rádio comuns. Ao comparar essas vozes com as dessas mesmas pessoas quando ainda estavam vivas fisicamente, utilizando as sofisticadas técnicas acústicas normalmente utilizadas pelas polícias de investigação europeias e norte-americanas, alguns cientistas têm concluído que elas têm as mesmas características. De novo, eu direi que tudo isto precisa de ser investigado aprofundadamente, sob o rigor do método científico, até ao seu total esclarecimento.

Acredito na investigação científica. Penso que cabe à ciência investigar em todas as áreas, mantendo uma abertura de espírito para que a verdade de hoje seja amanhã substituída e para que essa verdade de amanhã possa no futuro também ser substituída. Já não estamos no tempo em que, para defender a verdade, era necessário o sacrifício da vida do cientista.

E, se, afinal, Descartes não estava errado? Em vez do «erro de Descartes», poderíamos falar do «erro da ciência», que permitiu muitas fantasias, ao não investigar apropriadamente. Ou mesmo do «erro da humanidade», que alimentou muitas fantasias, em vez de procurar o esclarecimento, pelo rigor do método científico.